



O sagrado: reflexões sobre a cultura, os artefatos e tradições alimentares dos Povos Indígenas Avá – Guarani

The sacred: reflections on the culture, artifacts and food traditions of the Avá – Guarani Indigenous Peoples

Lo sagrado: reflexiones sobre la cultura, los artefactos y las tradiciones alimentarias de los Pueblos Indígenas Avá – Guarani

DOI: 10.55905/revconv.18n.4-345

Originals received: 3/28/2025

Acceptance for publication: 4/18/2025

Simone Grisa

Doutoranda pelo Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Endereço: Marechal Cândido Rondon – Paraná, Brasil
E-mail: simonegrisa@gmail.com

Marisete Brandalise Santos

Doutoranda pelo Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Endereço: Marechal Cândido Rondon – Paraná, Brasil
E-mail: marisetedossantosbrandalize@gmail.com

Junior Rodrigues

Doutorando pelo Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Endereço: Marechal Cândido Rondon – Paraná, Brasil
E-mail: jrjuniorxaves@gmail.com.br

Silvana Anita Walter

Doutora em Administração
Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC - PR)
Endereço: Marechal Cândido Rondon - Paraná- Brasil
E-mail: silvanaanita.walter@gmail.com

Alberto Feiden

Doutor em Agronomia: Ciência do Solo
Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Endereço: Seropédica - Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: alberto.feiden@embrapa.br



Eder Cordeiro

Doutorando pelo Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Endereço: Marechal Cândido Rondon – Paraná, Brasil
E-mail: ederiped@hotmail.com

RESUMO

Os povos indígenas Avá-Guarani, do extremo oeste paranaense, são marcados historicamente e continuam a sofrer constantes ataques em várias dimensões, especialmente na cultura, produção de artefatos e tradições alimentares. O objetivo deste estudo consiste em compreender os elementos que envolvem a alimentação dos indígenas Avá-Guarani de Guaíra e Terra Roxa – Paraná. A fundamentação teórica se pauta no perspectivismo de Viveiros de Castro para o aprofundamento da complexidade de vida indígena abordando a história, violências sofridas e o modo alimentar. A metodologia é qualitativa, com alinhamento ontológico entre natureza e cultura, desenvolvido a partir de entrevistas e observação em setembro de 2023. Os resultados são apresentados em três eixos: a terra, a agência e o espírito sagrado. A alimentação dos povos tradicionais possui peculiaridades culturais, as quais têm relações com a terra e com a importância da preservação de suas tradições e conhecimentos ancestrais. As contribuições práticas apontam elementos de degradação dos recursos naturais que interferem no sagrado Avá-Guarani, que serão superados com a implementação de políticas sociais regulamentadoras, por meio da demarcação do território.

Palavras-chave: ameríndio, dieta alimentar, água potável, artefatos e tradições.

ABSTRACT

The Avá-Guarani indigenous peoples of the far west of Paraná are historically marked and continue to suffer constant attacks in various dimensions, especially in terms of their culture and food traditions. The aim of this study is to understand the elements involved in the diet of the Avá-Guarani indigenous people of Guaíra and Terra Roxa - Paraná. The theoretical foundation is based on Viveiros de Castro's perspectivism to delve into the complexity of indigenous life, addressing history, the violence suffered and the way they eat. The methodology is qualitative, with an ontological alignment between nature and culture, developed through interviews and observation in September 2023. The results are presented along three axes: the land, agency and the sacred spirit. The food of traditional peoples has cultural peculiarities, which have to do with the land and the importance of preserving their traditions and ancestral knowledge. The practical contributions point to elements of natural resource degradation that interfere with the sacred Avá-Guarani, which will be overcome with the implementation of regulatory social policies, through the demarcation of the territory.

Keywords: amerindian, diet, potable water, artifacts and traditions.

RESUMEN

Los pueblos indígenas Avá-Guarani del extremo oeste de Paraná están históricamente marcados y continúan sufriendo ataques constantes en varias dimensiones, especialmente en la cultura y tradiciones alimentarias. El objetivo de este estudio es comprender los elementos que involucran la alimentación de los indígenas Avá-Guarani de Guaíra y Terra Roxa - Paraná. La base teórica se basa en el perspectivismo de Viveiros de Castro para profundizar la complejidad de la vida



indígena abordando la historia, las violencias sufridas y el modo de alimentación. La metodología es cualitativa, con alineamiento ontológico entre naturaleza y cultura, desarrollado a partir de entrevistas y observación en septiembre de 2023. Los resultados se presentan en tres ejes: la tierra, la agencia y el espíritu sagrado. La alimentación de los pueblos tradicionales posee peculiaridades culturales, las cuales tienen relaciones con la tierra y con la importancia de la preservación de sus tradiciones y conocimientos ancestrales. Las contribuciones prácticas señalan elementos de degradación de los recursos naturales que interfieren en el sagrado Avá-Guaraní, que serán superados con la implementación de políticas sociales reguladoras, por medio de la demarcación del territorio.

Palabras clave: perspectivismo amerindio, comida, agua potable, artefactos y tradiciones.

1 INTRODUÇÃO

Antes da chegada dos portugueses, o Brasil era habitado por comunidades indígenas que viviam de forma livre e em harmonia com a natureza. A narrativa histórica contemporânea muitas vezes negligencia a existência desses habitantes anteriores à colonização do Brasil pelos portugueses (Carneiro da Cunha, 2013; Brighenti; Oliveira, 2020; Vasconcelos *et al.*, 2023). As comunidades indígenas dependem de vastas áreas para suprir suas necessidades alimentares e, por isso, realizavam migrações sazonais, especialmente durante a época de colheita de frutas em outras regiões (Viveiros de Castro, 2002; 2006).

A região oeste do Paraná foi ocupada pelos brancos no começo do século XX através das companhias ervateiras argentinas, as “obrages”, e pela “Companhia Mate Laranjeiras”, as quais exploravam os indígenas como força de trabalho em condições análogas à escravidão. Antes disso, os indígenas viviam em harmonia, com suas práticas cotidianas de atividades como caça e pesca. Na década de 1960 e 1970, a realidade do povo Guarani revelou um futuro desastroso, marcado pela usurpação de terras e aumento da violência. Com a chegada dos brancos, o cenário mudou drasticamente, começando pela luta contínua dos indígenas pelas terras e pela preservação do espaço e das tradições (Brighenti; Oliveira, 2020).

Na cosmologia indígena, a lente da teoria do perspectivismo ameríndio explica a relação do indígena com a terra, elemento sagrado, que, por sua vez, traz consigo o direito à humanidade, interdependência e reciprocidade. A terra é considerada como um elemento fundamental para a sobrevivência e a reprodução da vida, “a terra é o corpo - território dos índios, e os índios são parte do corpo - território da Terra” (Viveiros de Castro, 2017, p. 8, Baniwa *et al.*, 2023). O



perspectivismo ameríndio propõe que a cultura, os artefatos e a alimentação indígena sejam compreendidos a partir das perspectivas únicas de cada grupo. A cultura é vista como um conjunto de relações que inclui não apenas humanos, mas também animais, plantas e espíritos, todos com suas próprias culturas. Artefatos não são apenas objetos utilitários, mas possuem significados simbólicos e espirituais que variam conforme a perspectiva cultural de quem os utiliza. A alimentação vai além da nutrição, envolvendo relações sociais e cosmológicas, onde a escolha dos alimentos, o preparo e o consumo são influenciados pelas interações com o ambiente e os seres que nele habitam. Assim, a teoria enfatiza a importância de entender essas práticas a partir da visão de mundo dos próprios povos indígenas, reconhecendo a riqueza e complexidade de suas culturas (Viveiros de Castro, 2002).

Infelizmente, apesar dos esforços das comunidades indígenas na manutenção da dieta alimentar e seus costumes, a ausência de uma política consolidada para demarcação de terras não possibilita aos povos originários direitos sociais básicos (Assy; Rolo; 2019). Os territórios habitados não apresentam área suficiente, demarcada e estruturada para atender todas as famílias, seja para a prática da agricultura ou extrativismo (Colares, 2023; Dos Rei, 2023). Outro problema é a contaminação por agrotóxicos dos rios e dos espaços de vivência, dificultando a coleta de alimentos (Lima *et al.*, 2022) e causando doenças e desnutrição (Leite *et al.*, 2020).

Ramos, Noda e Martins (2021) apontam que segurança alimentar não é somente questão de quantidade de calorias ingeridas, mas se relaciona com a qualidade dos alimentos que constroem corpos fracos ou fortes, adequados ou inadequados para viver bem. Portanto, para atingir tais níveis de satisfação, as comunidades indígenas precisam da segurança sobre o território que ocupam, com a terra demarcada e protegida de invasões, para que, dessa forma, seja feito o manejo da agrobiodiversidade nos rios, lagos e florestas.

A intensa pressão dos sistemas modernos de produção, o processo alarmante de erosão cultural e a manutenção dos sistemas tradicionais indígenas é algo que merece ser compreendido de forma aprofundada (Vasconcelos *et al.*, 2023). Essa estratégia de manutenção dos sistemas tradicionais tem como objetivo garantir a sustentabilidade dos recursos naturais, para permanecerem disponíveis às gerações presentes e futuras (Noda *et al.*, 2012). Diante destes problemas, apresentamos a pergunta desta pesquisa: como os elementos do sagrado estão envolvidos com a alimentação dos povos indígenas Avá – Guarani?



O estudo objetiva compreender como se constituem os elementos do sagrado, na cosmovisão indígena, a partir da lente da teoria do perspectivismo ameríndio. Nessa perspectiva, serão analisados a cultura, os artefatos e a alimentação dos povos indígenas Avá-Guarani de Guaíra e Terra Roxa - Paraná a partir dos relatos dos próprios indígenas na construção do conhecimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O PERSPECTIVISMO A PARTIR DE VIVEIROS DE CASTRO EM RELAÇÃO AOS AVÁ-GUARANI

O perspectivismo ameríndio é uma teoria indigenista criada por Eduardo Viveiros de Castro, pela qual se estuda a relação dos seres humanos com animais e outras entidades subjetivas que habitam o universo, como deuses, espíritos, mortos, habitantes cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais e até mesmo objetos e artefatos. Na visão indígena, é através da alma que se reconhecem como indivíduos humanos, mas são percebidos por outros seres como animais, espíritos ou entidades não humanas (Viveiros de Castro, 2002).

O pensamento ameríndio se pauta na perspectiva cultural da América do sul e aborda questões relacionadas a territórios indígenas no Brasil, como também tem relação com a existência de uma variedade de seres ou indivíduos que percebem e compreendem o mundo de maneiras distintas (Picelli, 2016). Esses povos têm o poder de influenciar e moldar o mundo de acordo com sua cosmovisão. A forma como interagimos com as diferenças é considerada fundamental para encontrar significado e compreender a realidade. Neste pensamento, a terra é vista como um organismo vivo, sagrado e habitado por seres humanos e não-humanos. Eles reconhecem a igualdade entre a terra e os seres humanos, concedendo-lhe os mesmos direitos fundamentais. Para esses povos, terra, território e humanidade/identidade estão intrinsecamente conectados, inseparáveis um do outro. A Terra possui o direito inalienável de ser reconhecida como um sujeito humano. (Viveiros de Castro, 2018).

A noção de sagrado está ligada as ontologias que destacam a unidade da alma e a multiplicidade dos corpos, as quais ainda sugerem não um multiculturalismo moderno-ocidental, mas um multinaturalismo ameríndio, no qual a cultura serve como pano de fundo comum para



uma diversidade de naturezas provenientes dos diferentes corpos. Nessa perspectiva, a característica compartilhada pelos seres humanos e animais não é a animalidade – como proposto pela ciência moderna, que os humanos são parte do reino animal – mas sim a humanidade. Essa distinção fica evidente em seus mitos, que relacionam um tempo-espço virtual em que os seres conversam e reconhecem mutuamente a sua humanidade (Viveiros de Castro, 2017).

De um lado, temos uma imagem do conhecimento antropológico como resultado da aplicação de conceitos extrínsecos ao objeto, “sabemos de antemão o que são as relações sociais, ou a cognição, o parentesco, a religião, a política etc., e vamos ver como tais entidades se realizam neste ou naquele contexto etnográfico — como elas se realizam, é claro, pelas costas dos interessados”. Do outro lado, está uma ideia do conhecimento antropológico envolvendo a pressuposição fundamental de que os procedimentos que caracterizam a investigação são conceitualmente da mesma ordem que os procedimentos investigados (Viveiros de Castro, 2002. p. 116-117).

Viveiros de Castro (2017) critica a forma como os brancos querem que o indígena se identifique com a “pátria” na lógica do explorador, a qual pretende transformar todos em pobres, moradores das periferias das cidades, em dependentes de programas de governo.

Na visão do Guarani, o Tekoha é “o lugar onde somos o que somos”, simbolizando a essência da relação do povo com o ambiente. Neste local, encontram tudo o que precisam para sobreviver: a aldeia que abriga a comunidade, a floresta onde caçam ritualmente, o local que coletam ervas medicinais e materiais para artesanato e construção de suas casas, além de ser o espaço para praticar a agricultura. A composição de todos esses espaços é fundamental para a existência plena dos Guarani e para a manutenção do equilíbrio com o meio ambiente (Brighenti, 2005, p. 42).

2.2 IDENTIDADE E VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELOS POVOS AVÁ-GUARANI NO OESTE DO PARANÁ

A nação Avá Guarani está presente ao longo do processo histórico, como evidenciado por estudos arqueológicos que confirmam sua presença no território brasileiro (Carneiro da Cunha, 2013). No extremo oeste paranaense não é diferente, com relatos de lideranças indígenas que mencionam a tradição indianista ligada à cristianização jesuítica e a existência de sítios



arqueológicos. No entanto, a realidade atual dos povos indígenas na região é desafiadora, com inúmeras dificuldades de sobrevivência devido às péssimas condições de vida e à organização de movimentos anti-indígenas (Niedermayer, 2018).

A Constituição Brasileira de 1988 representa um marco significativo ao reconhecer e proteger os direitos dos povos indígenas, suas tradições e conhecimentos ancestrais, bem como a preservação das diversas línguas que persistem após 500 anos de colonização. Ao reconhecer e respeitar as diversidades culturais e linguísticas presentes nas comunidades indígenas, promove a valorização de suas formas de organização social (Villalva Filho, 2020).

A identidade indígena está profundamente ligada à relação com a terra, comunidade e pluralidade étnica. Ser indígena implica pertencer a um povo específico, enquanto ser cidadão está associado à relação com um Estado controlador. A visão do mundo do indígena é enraizada na terra, enquanto o cidadão olha para um Estado transcendente. A imposição da categoria genérica “índio” pelos brancos ignora a rica diversidade cultural, linguística e social dos povos indígenas, homogeneizando suas identidades. Ao se autodenominarem, esses povos reafirmam suas identidades únicas, tradições e histórias distintas, resistindo à simplificação e promovendo o reconhecimento de suas especificidades e direitos. A transformação do indígena em pobre envolve uma desvinculação de sua identidade original, forçando uma homogeneização e desmultiplicação para se adequar às categorias administrativas e assistenciais impostas pelo Estado (Viveiros de Castro, 2017).

As experiências específicas das aldeias Ava Guarani, como também as consequências da construção da hidrelétrica de Itaipu, destacam os desafios enfrentados com conflitos territoriais que resultaram em graves violações, como o massacre e quase extinção do povo Xetá nos anos 1940. Essas práticas resultaram na perda de território e fragmentação das comunidades Guarani, gerando conflitos entre memória e história na região (Brighenti; Oliveira, 2021).

A demarcação de terras indígenas na região é uma das principais demandas dos Avá Guarani, que enfrentam ações de reintegração de posse movidas por proprietários rurais da região. Em 2017, foi lançado o primeiro relatório pela Comissão Guarani Yvyrupa com o objetivo de registrar as violações de direitos que os indígenas da etnia Guarani sofreram e continuam sofrendo nos municípios de Guaíra e Terra Roxa (Niedermayer, 2018).

Mais recentemente, o desmonte de políticas e órgãos de proteção e promoção da terra, da floresta e da saúde indígena atestaram o recrudescimento da violência endereçada às pessoas e



grupos indígenas. Com isso, o desmatamento, o garimpo e a ocupação criminosa de terras indígenas se consolidaram com as políticas de governo que atendem somente aos interesses de determinados grupos políticos. A produção de commodities agrícolas na região de Tekoha Guasu Guavirá está causando um impacto preocupante na agrobiodiversidade (Relatório da Comissão Guarani Yvyrupa, 2023; Dos Rei, 2023).

A realidade atual dos povos indígenas na região é desafiadora, com inúmeras dificuldades de sobrevivência devido às péssimas condições de vida e à organização de movimentos anti-indígenas. Os indígenas reivindicam novas áreas devido ao alagamento de terras causado pela construção da Usina de Itaipu. A Fundação Nacional do Índio (Funai) delimitou a Terra Indígena Tekoha Guasu Guavirá em 2018, contudo, a demarcação ainda não foi oficialmente concluída. Os proprietários rurais contestam o direito dos indígenas sobre essas terras (CIMI, 2024). Apesar das adversidades, os indígenas têm resistido e lutado pela defesa de seus direitos e territórios.

2.3 A ALIMENTAÇÃO PARA O INDÍGENA

Dados publicados pelo IBGE (2017) revelam que a existência da fome ou do risco de fome (insegurança alimentar) nos domicílios desde o início do século XXI. O II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (2022) destaca a triste realidade da fome no país e que as populações indígenas se tornaram especialmente vulneráveis à pandemia e seus impactos, incluindo a desnutrição e fome.

Ribeiro Junior (2021) mostra que o rápido processo de urbanização e o crescimento das atividades agrícolas em monocultura ameaçam à segurança alimentar dessas comunidades. O autor coloca a alimentação como um dos elementos centrais da reprodução social e biológica, por ser um meio privilegiado que explicita as condições de vida presentes numa sociedade e permite problematizar as relações sociais e suas reproduções.

A construção da pauta de alimentação indígena é recente, somente em 2003, sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), depois de realizadas 17 oficinas regionais, que contou com a participação de 680 lideranças indígenas, foi realizado o “Primeiro Fórum Nacional para Elaboração da Política Nacional de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável dos Povos Indígenas do Brasil” (Salgado, 2007).

A Segurança Alimentar e Nutricional na perspectiva indígena exige a compreensão de



outras complexidades. Ramos, Noda e Martins (2021) afirmam necessidades de pensar estratégias a partir da complexidade local, pois os deslocamentos compulsórios, migrações e redução contínua dos territórios ancestrais acontecem de forma mais acentuada em determinados locais do que em outros, como acontecem também diferentes níveis de colonialismo e esbulho de seus territórios.

A teoria de Viveiros de Castro explica que a epistemologia ameríndia transcende a simples nutrição física. Nesta ótica, a alimentação é um elemento central de sua identidade cultural e espiritual. Os alimentos estabelecem conexões com seus ancestrais e com a natureza ao seu redor (Viveiros de Castro, 2000).

Em relação ao território, pela lógica indígena, em suas estratégias de agrupamento, é levado em consideração a segurança física e o abastecimento alimentar através do extrativismo, bem como a água e a terra adequada ao cultivo de alguns legumes, sendo o limite de seus territórios diretamente relacionado com o limite da satisfação daquela população. Nessas definições de territórios pesam tanto observações de aspectos físicos como cosmológicos, sociais e religiosos, convertendo, por conseguinte, o território num espaço simbólico (Salgado, 2007).

Um elo importante para buscar estratégias de segurança alimentar indígena está no manejo desses territórios como meios de produção. O uso dos recursos naturais é um processo intrínseco do modo de vida indígena, visto que é marcado pelo respeito aos ciclos naturais e pela exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas (Diegues, 2008).

Outro elo é a espiritualidade, a ideia de sagrado está intimamente ligada à reverência, à apreciação das diferenças ontológicas e à conexão com entidades espirituais. Em contraste com o homem ocidental, que contempla o céu, 'o indígena olha para baixo, para a Terra, e busca sua força' (Viveiros de Castro, 2017, p. 4). Através de rituais, cantos, danças e cerimônias, esses povos buscam estabelecer uma conexão profunda com a natureza e com o sagrado, entrando em sintonia com as diferentes perspectivas presentes no universo.

O último elo é representado por artefatos, como: o cachimbo sagrado (Petyngua) utilizado em rituais espirituais; o milho (avati), fonte de alimento, usado no artesanato ou em instrumentos musicais, além de festivais importantes para a comunidade; o bambu (rehegua), também empregado no artesanato, em instrumentos de rituais, de defesa e de cultura e a erva-mate (Ka'a'i), bebida consumida em grupo, fortalecendo os laços comunitários compartilhados em



rituais de celebração e de agradecimento aos deuses pelos alimentos e pela vida. Esses elementos sagrados da culinária Guarani representam a profunda conexão que essa cultura tem com a natureza e o espírito (Rambo et al., 2008).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa (Merriam; Tisdell, 2016) visando explorar os construtos interpretativos que os indivíduos concedem aos fenômenos sociais e o alinhamento ontológico está de acordo com a abordagem clássica entre Natureza e Cultura de Viveiros de Castro (2018). Para a seleção dos temas de estudo foi realizada uma reunião preparatória com a assessora técnica do Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) - instituição que presta assessoria às comunidades, a qual contribuiu para definição dos assuntos de estudo e do entendimento da realidade indígena.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, foram entrevistados ao total 17 lideranças indígenas Avá-Guarani de nove (09) aldeias localizadas em Guaíra- PR e oito (08) aldeias em Terra Roxa-PR, no período de 13 a 15 de setembro de 2023. O estudo busca a compreensão da forma como o objeto se materializa na realidade concreta em sua construção e interpretação.

O processo de análise seguiu Gioia et al. (2012) visando gerar teoria a partir dos dados. Neste sentido, o pesquisador analisa o fenômeno por meio das pessoas envolvidas, com destaque no ponto de vista relevante ao tema. O quadro 1 caracteriza os elementos e subelementos relacionados ao fenômeno que, neste estudo, se trata da alimentação, artefatos e tradições dos povos indígenas Avá – Guarani.

Quadro 1 – Elementos e subelementos do fenômeno da alimentação dos povos indígenas Avá – Guarani.

Elementos	Elos da alimentação	Subelementos
TERRA	Cosmovisão	Demarcação de área indígena.
		Água contaminada por agrotóxicos, tratada com cloro, gosto ruim.
		Cuidar da natureza é manter a saúde física e espiritual.
AGÊNCIA	Estratégia dominação	Uso de água contaminada.
		Assistencialismo através das políticas públicas.
		Os alimentos fornecidos pelos programas públicos não é o que o indígena costuma comer.
		Estado deixa de fornecer em algum momento ou fornece em pouca quantidade.
ESPÍRITO	Subalimentação	Cosmovisão. Extratativismo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).



O quadro 2 apresenta os sujeitos da pesquisa, o local onde foi realizada a coleta de dados e o tamanho da entrevista. A partir de uma análise de primeira ordem sobre os dados brutos, foram extraídos fragmentos das falas dos entrevistados e agrupados em tabelas e classificados conforme os elementos que emergiram do próprio material empírico. Em seguida, em uma análise de segunda ordem, os subelementos foram classificados em dimensões para compor cada sessão relacionada a alimentação indígena, conforme representado no Quadro 1.

Quadro 2 – Origem e distribuição dos sujeitos entrevistados na pesquisa

N.	ALDEIAS	Município	Entrevistado	Nº de páginas entrevista
1	Tekoha Guarani	Guaíra	Entrevistado 1	09
2	Tekoha Jevy	Guaíra	Entrevistado 2	17
3	Tekoha Karumbei	Guaíra	Entrevistado 3	64
4	Tekoha Marangatu	Guaíra	Entrevistado 4	01
5	Tekoha Mirim	Guaíra	Entrevistado 5	03
6	Tekoha Porã	Guaíra	Entrevistado 6	12
7	Tekoha Tatury	Guaíra	Entrevistado 7	14
8	Tekoha Tenonde Nhempyrum	Guaíra	Entrevistado 8	13
9	Tekoha Y'Hovy	Guaíra	Entrevistado 9	02
10	Tekoha Araguaju	Terra Roxa	Entrevistado 10	23
11	Tekoha Nhemboete	Terra Roxa	Entrevistado 11	10
12	Tekoha Poha Renda	Terra Roxa	Entrevistado 12	74
13	Tekoha Tajy Poty	Terra Roxa	Entrevistado 13	03
14	Tekoha Yvy Porã I	Terra Roxa	Entrevistado 14	12
15	Tekoha Yvy Porã II	Terra Roxa	Entrevistado 15	01
16	Tekoha Yvy Raty Porã I	Terra Roxa	Entrevistado 16	13
17	Tekoha Yvy Raty Porã II	Terra Roxa	Entrevistado 17	10

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No intuito de expandirmos nossa compreensão sobre as múltiplas ontologias e nos aproximarmos da consciência teórica dos modelos de relação, adotamos abordagens metodológicas interpretativistas e de indução. Nessa perspectiva, nossa análise busca descobrir padrões a partir dos dados, permitindo que elementos e relações surjam organicamente (Merriam, 2016) e, após a análise dos padrões, os dados são correlacionados com a teoria de Viveiros de Castro (2018).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base em evidências empíricas, seguem as análises que correspondem a cada subseção do Quadro 1 apresentado na metodologia, as quais estão relacionadas com a



alimentação nas comunidades indígenas: (i) Terra; (ii) Agência; (iii) Espírito.

4.1 O TERRITÓRIO É PARTE DO ÍNDIO – ELEMENTO TERRA

O povo indígena entende o território como parte integrante dele, tudo está relacionado ao cuidado do espaço em que vivem, seus costumes, seus conhecimentos ancestrais e estratégias de proteção e sobrevivência.

Quadro 3 - Direito de exercer a identidade ligado ao território conhecimento ancestral.

Elemento: Terra
Sub-elemento: Direito de exercer a identidade ligado ao território conhecimento ancestral
Evidências empíricas
Demarcação de área indígena para produção de alimentos e a contaminação por agrotóxicos
“É, é pouca terra. Só reserva sair. Só reserva né, ser local. E tem os não indígenas que gostam de veneno. Nós não gostamos de veneno, sabe? Porque a gente consome... a comida que a gente consome na cidade é tudo contaminado, veneno, né? E isso tá, né... envenenando pra plantar, né? Pra plantar. Depois ele... É... É, não, e daí o veneno vem pro corpo.” E-2
“É, é mais difícil de plantar aqui. A terra não é muito boa e muito pequena também. Nós plantamos cebolinha, coisinha assim, mas plantar assim que nem feijão, arroz, outras coisas a gente não tem.) Agora vai montar um tanque de peixe ali pra baixo. Aí tem o parque de artesanato.” E-8
“Eu não tenho minha rocinha, porque quase não tenho tempo para lidar com isso e também não tem espaço que eu consideraria o meu espacinho para fazer a minha rocinha. Então a minha casa é ali e um pouquinho no meio da mata e eu não quero derrubar a mata para fazer a roça. Então é por falta do espaço. ” E-9
“Pesca tá difícil. Tá difícil. Ou sobra pra diversão, porque não tem nem... Isso daí é... Pesca pra conseguir mais pra família. Pesca só passando na outra ilha, Lagoa Saray. O rio é grande, mas aí fecha e despoja. Muita gente pescando. Não é muita... Não, a gente planta, né. Só que planta pouco, né. Não tem espaço. ” E-10
“É, mas tem a questão do Rio, do manancial também. Eles têm que ter uma distância para aplicar agrotóxico. Eles não estão respeitando, eles não estão respeitando e aí eles não se sentem intimidados, né? Estava um Monte de gente diferente ali, não, tudo bem, né? Continua.” E-12

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Conforme relato do Entrevistado E-2, não há mais terras para o índio exercer sua liberdade como os seus ancestrais. Este mesmo entrevistado faz uma crítica ao uso de agrotóxicos, indicando que os alimentos, solo e água estão contaminados.

A limitação territorial surge como um obstáculo importante contra a autonomia das comunidades indígenas, impedindo que eles vivam plenamente seus modos de vida ancestrais. A alimentação dos Avá-Guarani enfrenta desafios significativos, pois depende de práticas tradicionais de cultivo, caça e coleta. Alimentos básicos, como mandioca, milho e feijão, requerem território adequado para cultivo. A caça de pequenos animais e a pesca são fontes essenciais de proteína. A coleta de frutas nativas, como açaí e guabiroba, complementa a dieta ao



fornecer vitaminas e nutrientes essenciais. As refeições são frequentemente preparadas em fogueiras comunitárias, preservando as tradições culinárias e sociais do grupo.

Outro problema está na redução de matéria prima para na produção de artefatos, atividade que faz parte da cultura dos Avá-Guarani, visto que a produção de cestarias usadas para armazenamento e transporte, bem como a fabricação de arcos e flechas utilizados para caça e defesa é realizada com fibras naturais, as quais estão mais escassas. A cerâmica é outro exemplo, como potes e panelas muitas vezes necessitam que uma condição específica do solo para sua produção, normalmente presente em áreas de várzea, cuja redução do território limita a formação de locais com acúmulo de matéria orgânica.

Em relação à cultura, os adornos corporais, como colares, pulseiras e brincos, são feitos de sementes, penas e conchas, representando a beleza e a identidade deste povo. Instrumentos musicais, como flautas, maracás e tambores, desempenham um papel importante em celebrações e rituais. A confecção destes artefatos também depende de matéria-prima extradida da natureza.

A demarcação das terras indígenas, enfatizada pelos entrevistados E-2, E-3 e E-10, torna-se crucial, não apenas para sustentar práticas agrícolas tradicionais, mas também para preservar a relação simbiótica¹ entre os indígenas e o ambiente em que vivem. A busca por mais espaço de coleta, seja por meio da pesca ou da expansão das plantações, reflete a necessidade intrínseca de manter a interdependência entre humanos e não humanos. As falas conscientes de direitos, especialmente citando E-11 e E-17, demonstram a resistência dessas comunidades diante das imposições externas. As histórias contadas pelos entrevistados ilustram uma realidade complexa, em que as demandas territoriais e ecológicas estão intrinsecamente ligadas à preservação da identidade e dos modos de vida indígenas.¹

Outro motivo da insegurança alimentar é a pressão da contaminação e da exclusão do território realizadas pelos fazendeiros no entorno por meio do uso de agrotóxicos. A afirmação do entrevistado E -12 reforça a preocupação apresentada pelo E – 2. Este fato foi vivenciado pelos pesquisadores no dia da visita, visto que na fazenda vizinha estava sendo aplicado agrotóxicos na lavoura próxima sem nenhum cuidado e desrespeitando, inclusive, recomendações agrônomicas de horário de aplicação, cuidados com vento e umidade, uso de equipamentos de proteção, bicos adequados etc. É evidente a ameaça exercida nos territórios, a

¹ As relações simbióticas são interações ecológicas fundamentais que ocorrem entre organismos de diferentes espécies que vivem em associação próxima. Tais interações podem ser classificadas em três categorias principais: mutualismo, comensalismo e parasitismo (Bronstein, 1994).



qual foi construída não somente pelo Estado, mas também pela sociedade na busca de um modelo de agricultura hegemônica.

O descaso observado na imagem (Figura 1) transcende um etnocídio, visto que estavam presentes no local docentes, extensionistas, e outras pessoas não indígenas, crianças brincavam no local e, mesmo assim, os brancos continuaram envenenando. Com base na imagem, conclui-se que a situação apresenta a existência de um problema muito mais complexo, uma tentativa de homicídio generalizado.

Pelos relatos feitos em relação às comunidades de Guaíra, “a cidade invadiu o espaço das aldeias”, é possível observar a escassez de terra para o cultivo de alimentos fundamentais presentes na cultura como mandioca, batata e milho. Adicionalmente, a coleta de bambu e madeira para a confecção do altar e a manutenção das práticas religiosas enfrentam desafios persistentes. Esses relatos evidenciam a urgência de buscar soluções que não apenas atendam às necessidades alimentares, mas também respeitem e promovam a autonomia cultural dessas comunidades.

Figura 1: Aplicação de agrotóxicos nas proximidades de comunidades indígenas



Imagem: Créditos - Liana Mendonça Goñi, 13/09/2023.

Os Avá-Guarani consideram a terra como um espaço vital para a sua existência e forma de vida. As palavras *yvy* e *tekohá*, que significam terra e território, respectivamente, expressam



a importância desse ambiente para o seu povo. Esses povos originários compreendem que a terra é mais do que um recurso econômico, ela é a base de sua identidade e maneira de ser (Caderno Mapa Guarani, 2016; Viveiros de Castro, 2017).

A demarcação de terras indígenas é um processo fundamental para garantir os direitos. Esse processo envolve identificar, delimitar e oficializar as terras habitadas por essas comunidades, assegurando sua posse e uso exclusivo. A demarcação é fundamental para a preservação da cultura, modo de vida e autonomia dos povos indígenas, além de proteger o meio ambiente. No entanto, enfrenta desafios significativos, como conflitos fundiários e interesses políticos. A luta pela demarcação é, portanto, uma questão de justiça social e reconhecimento dos direitos históricos dos Avá-Guarani.

4.2 ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO DO BRANCO – ELEMENTO AGÊNCIA

Outro aspecto analisado em relação ao território é o cuidado com esse espaço, bem como a pressão realizada pelo branco para dominação do seu espaço de vida. No elemento agência, o indígena acredita na capacidade de agir e interagir no mundo de maneira intencional.

Quadro 4 - Estratégia de dominação do branco

Elemento: Agência
Subelemento: Estratégia de dominação do branco
Evidências empíricas
Ruptura do modo de vida tradicional, pobreza e marginalização
“Água vem de lá em cima, tem que buscar de lá em cima, do outro lado. É tão complicado sobre a água. Tem um poço ali, mas... É artesiano. Artesiano, mas ficou sem caixa. Não tem caixa.” E-1
“ Eu tenho caixa de abelhas. Rodeado de lavoura, interfere na produção do mel, tem uma mata circulada do Rio, não Tatuí, mas na beirada é tudo mecanizado, né? Tem a cara no Tatuí e quando vê o veneno, aquele passa bem na beirada aqui.” E-3
“ Tem, lá em cima tem poço artesiano, só que a água também não é suficiente. Não sei porque a água... O volume de água é pouco? É pouco. Não dá pra montar tudo. Tem a mina também, tem uma mina, naquele tempo era... colocaram o Emílio, né? aqui de San Miguel Iguazu, que tá cuidando, né? Põe a bomba dentro da mina, aí puxar pra cá, daí tem um motor, né? Mas a água é pouca. Aí eu complemento com a da mina. É, a mina é aberta e entra sujeira.” E-7
“Tem água da rua, mas chega mais famílias e falta água para todos, pega do rio e é suja porque juruá passa veneno. Daí família faz emenda e estoura emenda e não sabe onde estragou e fica escorrendo água. Também não tem material para consertar e daí nas partes mais altas a água não chega e tem que buscar no rio que é longe e traz de balde.” E-9
“ Esse é o espaço que nós lutamos através do Estado para entregar esses pedacinhos para nós. Daí a gente tem esse pedaço ali até lá embaixo, que é só plantação de mandioca, abóbora, melancia.” E-11
“Então aqui, tudo elas, né, são aldeias que ficaram sufocadas, né, reprimidas, tem pouco espaço de produção. Principalmente aquilo que foi falado antes, aquela tradição de você mora num lugar e tem a tua roça lá longe, aquele manejo florestal, esse não consegue fazer. Não conseguindo fazer isso, teria que ter mais trato cultural, que não tem, por exemplo, alguma coisa que não existe, então a semente perde, também perdeu,



não consegue comprar outra, então isso também não tem.” E-14

“A área é pequena para produzir comida, não há espaço. Só umas ramas em casa. **A gente queria que a Itaipu devolvesse a nossa terra e daí a gente podia plantar e caçar também.**” E-15

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Atualmente, cerca de 1.800 indígenas residem na região de estudo, divididos em nove aldeias em Guaíra e oito aldeias em Terra Roxa, municípios que fazem fronteira entre Mato Grosso do Sul e o Paraguai. Infelizmente, devido à ocupação do território por não indígenas, essas comunidades enfrentam condições de vida extremamente precárias, incluindo a falta de acesso a serviços básicos essenciais, como água potável, educação e saúde.

A população não indígena expropria os direitos das comunidades tradicionais. Nas falas dos entrevistados E-1, E-3 e E-5 a falta e a contaminação das águas e o uso de agrotóxicos está impedindo a produção de alimentos, a exemplo do mel, que no olhar do indígena é o açúcar que a natureza produz para mantê-los fortes e com saúde, ou seja, o branco usa de várias estratégias para dominar as terras indígenas.

Outro problema apresentado pelo entrevistado E – 14 é o cuidado com o território, ele identifica as razões do mesmo ser vital para os indígenas, já que as terras fornecem os recursos necessários para sua subsistência. Eles dependem da terra para obter alimentos, água e abrigo. Além da conexão espiritual profunda com a terra, considerando-a sagrada e parte integrante de sua identidade.

Ainda em busca de identificar os agentes agressores da nação guarani, o entrevistado E-15 menciona a usina hidrelétrica de Itaipu como uma das grandes responsáveis pelo alagamento de suas terras e pela interferência no modo de vida das comunidades. Este mesmo entrevistado afirma que eles desejam suas terras de volta no local onde habitavam, pois retirá-los de seu ambiente natural é atacar sua identidade e espiritualidade.

O entrevistado E-3, por sua vez, relatou que como as terras não estão demarcadas, não há documentação e, neste sentido, eles não podem participar de atividades econômicas direcionadas à agricultura, pois o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF), instrumento que identifica e qualifica os beneficiários da Política Nacional da Agricultura Familiar exige a escritura ou recibo para inscrição e, conseqüentemente, sem este subsídio não conseguem gerar renda.

Um último aspecto observado nas falas das lideranças diz respeito à produção deficitária de alimentos, pois a terra está fraca e precisa de cuidados, ou seja, não há assessoria técnica presente para interferir nessa realidade. Os conceitos de agroecologia e agroflorestal, com apoio



da assistência técnica, poderiam alterar essa realidade das comunidades tradicionais e contribuir para enfrentar a monocultura da soja no entorno das comunidades.

A falta de documentação, a falta de água de qualidade e a dificuldade em produzir alimentos pela escassez de assessoria técnica demonstram a urgência em desenvolver políticas públicas que atendam demandas latentes e que possam superar a fome e a insegurança alimentar.

Entretanto, mesmo que superados estes obstáculos, é fundamental compreender que para os Avá-Guarani a agência é a interação não apenas aos seres humanos, mas também a outros seres, como animais, plantas e espíritos, essência do perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2002).

4.3 A RELAÇÃO DO SAGRADO COM O ALIMENTO – ELEMENTO ESPÍRITO

As práticas alimentares tradicionais dos indígenas refletem a ligação com a terra, incluindo alimentos locais e métodos de preparação culturalmente transmitidos. Essas práticas não apenas sustentam a saúde física, mas também fortalecem a saúde espiritual, estabelecendo uma interdependência entre a alimentação, a terra e a identidade cultural.

Quadro 5 – Espíritos desempenham um papel central entre a sociedade e a natureza

Elemento: Espírito
Sub-elemento: Espíritos desempenham um papel central entre a sociedade e a natureza
Evidências empíricas
A cosmovisão, o uso de água contaminada e o extrativismo
“Na verdade, a nossa alimentação é viver. A gente guarda principalmente a semente. ” E-1
“Alimento sagrado presente para a gente chamou e nosso Deus, nosso Nãdejára para fazer assim. Nossa bebida é feita do milho. E é muito difícil a gente conseguir na verdade o cloro... O cloro se encontra, né? Pra adquirir no mercado? Ah sim! Tem que ver, né?” E -5
“ Estamos todos amontoados aqui, como sardinhas, não é mesmo? É por isso que buscamos um território adequado para sobreviver. Queremos criar um espaço um pouco maior, pois também precisamos cuidar das crianças. Não quero depender da distribuição municipal. Atualmente, tenho minha roça na outra aldeia, mas não estou satisfeito. Minha plantação está lá, mas estou aqui. Quando meus produtos amadurecem, outro indígena vem, pega e come ali e eu sou obrigado a aceitar.” E -8
“ E quando você precisa de remédio, a gente tira da natureza. Então isso seria. A sobrevivência. É a gente, cultura. Tomando-os assim é da natureza, então bem assim.” E-12
“O rio não tem mais peixe, a gente pega alguma coisa do mato, mas está tudo fraco e tem medo de doença de branco. ” E-13
“Nosso alimento sagrado é o kanjika, assim, né? Kanjika. Essa aí dá paz, para ver doente, doença, curando. Acho que era mais isso, né” E- 16
“ Milho, porque tem semente que é... um... uma semente que é da... dos Guarani, né? Não é da... como se fosse um agricultor, né? Tem os milhos mesmo, que o índio usa pra fazer a comida mesmo e guarda para plantar.”E-17

Fonte: Dados da pesquisa (2023).



A terra está ligada à identidade cultural, incorporando histórias e práticas que enraízam as comunidades em seus territórios ancestrais e importantes para a proteção da biodiversidade. Essa relação foi evidenciada nas falas do E- 1. A divindade também foi apresentada nas falas das lideranças E5, E12 e E13, os quais reafirmaram que o alimento é um presente divino e que serve para deixar o índio forte e menos suscetível às doenças do branco. Estes depoimentos reforçam a importância do território adequado para sobreviver.

No olhar dos guaranis, o território é equiparado à própria humanidade, o que implica o direito de preservar sua humanidade diante da visão ocidental. Muitos indígenas mantêm uma relação espiritual e simbólica com a terra de onde provêm seus alimentos. A terra é considerada não apenas como fonte de subsistência, mas como um ente sagrado que nutre e sustenta a comunidade. Essa conexão profunda com a terra está ligada à segurança alimentar e à saúde espiritual (Viveiros de Castro, 2018).

Também conhecem e relatam o poder de cura pela natureza através das plantas, em especial no período da pandemia do COVID19. A forma como esses povos se relaciona com a natureza é crucial para o equilíbrio ecológico e para a não propagação de epidemias e pandemias dessa natureza. Em contrapartida, o sistema capitalista é o grande propulsor de enfermidades, pois atua em desacordo com o “metabolismo” da natureza, além do que explora recursos naturais desordenadamente com o único objetivo de gerar lucro (De Almeida; Brighenti, 2022).

Nos diálogos com líderes das comunidades, podemos perceber que os povos indígenas mantêm relações profundas com a terra e o corpo, fundamentadas em suas culturas, espiritualidade e práticas tradicionais. Na conexão com a terra, há um vínculo espiritual, onde muitas comunidades compartilham a terra sagrada, estabelecendo uma relação de respeito e reciprocidade. O espírito, portanto, não se limita a uma dimensão humana, mas se estende a todo o mundo natural, desafiando a separação tradicional entre natureza e cultura e promovendo uma visão de mundo em que todos os seres estão interconectados.

4.4 PERSPECTIVAS SAGRADAS: REALIDADES NA VISÃO DE VIVEIROS DE CASTRO

Os componentes que fundamentaram a análise deste artigo estabelecem uma conexão entre o sagrado e as cosmologias indígenas. Essas cosmologias se alicerçam na premissa de que todos os seres compartilham uma essência ontológica comum, diferenciando-se por suas



perspectivas fenomenológicas. O sagrado está intrinsecamente vinculado à noção de perspectivismo, na qual diferentes entidades, como humanos, animais e espíritos, percebem o mundo de maneiras diversas, mas mantêm uma essência espiritual semelhante (Viveiros de Castro, 2002).

Diversas evidências apresentadas denunciam o quanto a presença do branco destrói a identidade do povo Avá-Guarani. No exemplo do uso de agrotóxicos fica evidente que a contaminação ambiental não afeta apenas os seres humanos, mas também outros elementos importantes na cosmovisão indígena (Viveiros de Castro 2018).

Na cultura indígena, o modo de vida tradicional está profundamente enraizado na relação com a terra. Para eles, a agricultura está ligada à caça, à pesca e à coleta de alimentos, os quais dependem diretamente dos recursos naturais disponíveis. A perda do acesso a esses recursos é que gera a insegurança alimentar e econômica dos Ava-Guarani desses municípios. Os padrões alimentares não tradicionais impostos pelo branco podem ser vivenciados como uma mudança nas práticas alimentares ancestrais, levando a uma perda de identidade cultural (Villalva Filho, 2020).

O Relatório da Comissão Nacional da Verdade observou que a situação dos povos indígenas Avá-Guarani é precária, pois, na época, o decreto 750/1993 regulamentou a área de segurança do reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu, afetando as comunidades indígenas na região. A remoção e o confinamento numa exígua faixa de terra à beira do lago de Itaipu, sem qualquer paridade em tamanho e condições ambientais com o território ocupado anteriormente, o que também violava a legislação indigenista vigente (Santos; Briguenti, 2020).

A construção da hidrelétrica de Itaipu resultou no alagamento de áreas tradicionais de ocupação dos Avá-Guarani, o que levou à perda de espaço, de recursos naturais e de patrimônio cultural. Além disso, a construção da usina afetou a fauna e a flora da região, além disso, as operações da hidrelétrica têm causado impactos negativos sobre o meio ambiente e as comunidades locais, como a poluição das águas e a erosão das margens do rio Paraná (Santos; Briguenti, 2020).

Os aspectos locais interferem na defesa do espaço de vivência. Segundo Viveiros de Castro (2018), essas comunidades não apenas se alimentam, mas também se “alimentam do alimento”, ou seja, têm uma relação mais profunda e simbólica com aquilo que consomem. Um dos principais aspectos dessa relação é a forma como os povos indígenas se relacionam com a



natureza e obtêm os alimentos. A caça, a pesca e a agricultura são atividades centrais em suas vidas, sendo que muitas das técnicas utilizadas têm sido transmitidas de geração em geração. Além disso, a coleta de alimentos selvagens também desempenha um papel fundamental na subsistência dessas comunidades.

Em relação às políticas públicas que as comunidades podem ser beneficiadas, uma das implicações diretas da demarcação e regulamentação das TIs é a obtenção da CAF (Cadastro da agricultura familiar) e da nota de produtor rural (documento oficial de comercialização emitido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA), que comprovam a propriedade e a regularidade da área para fins de comercialização dos produtos agrícolas. Quando as terras indígenas estão demarcadas, é possível delimitar com precisão as áreas destinadas à agricultura, facilitando, assim, a obtenção da nota de produtor para os indígenas que querem produzir e comercializar alimentos (De Lima *et al.*, 2017).

Essas comunidades indígenas expressam, em suas falas, a realidade que vivenciam de exclusão da sociedade, visto que não têm direitos sobre suas próprias terras para cultivar alimentos, praticar suas crenças espirituais e preservar seus hábitos alimentares (Viveiros de Castro, 2018). Portanto, fica evidente que as comunidades indígenas Avá-Guarani, nos municípios de Guairá e Terra Roxa, enfrentam desafios para garantir seus hábitos alimentares e para não perderem a conexão com suas terras. A privação dessas terras não é apenas uma questão material (uma privação imposta), representa uma profunda ruptura na relação espiritual e cultural dessas comunidades com o ambiente. A terra é percebida como um espaço sagrado, fundamental para a vitalidade espiritual e cultural dessas comunidades.

A teoria indigenista de Eduardo Viveiros de Castro, especialmente através do conceito de "perspectivismo ameríndio", ao enfatizar que diferentes culturas percebem e interagem com o mundo de maneiras distintas, sugere que as terras indígenas não devem ser vistas apenas como espaços físicos, mas como territórios com significados cosmológicos e sociais próprios. Os três elementos analisados terra, agência e espírito demonstram claramente que a privatização das terras tem influência direta na forma de viver e estar no mundo das comunidades indígenas, causando impacto na dieta alimentar destas.

Portanto, somente a demarcação de terras indígenas como instrumento jurídico de assegurar a posse e o usufruto exclusivo dos povos indígenas sobre suas terras ancestrais pode garantir a existência e a continuidade deste povo (González, 2018).



5 CONCLUSÃO

A partir do objetivo apresentado, foi possível compreender os elementos do sagrado na cosmovisão indígena pela lente da teoria do perspectivismo ameríndio. Para o povo indígena, o território não é apenas uma área geográfica, mas um espaço sagrado, que abriga suas crenças, rituais e modos de vida. Os indígenas enxergam-se como guardiões dessas terras, com o dever de preservá-las para as futuras gerações (Viveiros de Castro, 2017).

As contribuições teóricas do artigo apontam como a ontoepistemologia ameríndia está ligada aos elementos da natureza. A subjetividade ameríndia está relacionada com a alimentação, a cultura e a espiritualidade, moldando as identidades do povo guarani e influenciando seu modo de vida. O espírito representa uma parte essencial de sua cosmovisão e de suas práticas religiosas, cuja alimentação é ato sagrado e de profunda conexão com a terra e com os elementos naturais.

As constatações práticas revelam que o desmatamento, a contaminação dos rios, a expansão das fronteiras agrícolas e as mudanças climáticas são alguns dos principais desafios enfrentados por essas comunidades. Esses problemas têm causado não apenas a diminuição das áreas disponíveis para a caça e a pesca, mas também a perda de biodiversidade e a degradação dos recursos naturais.

Por fim, as contribuições sociais indicam que é fundamental a criação de políticas públicas que visem à garantia da segurança alimentar desses povos, dentre as quais merecem destaque: a demarcação e proteção dos territórios indígenas; o acesso a serviços de saúde; a educação de qualidade e a alimentação adequada e saudável.

Estas políticas somente ocorrerão se a sociedade como um todo se engaje na defesa dos territórios indígenas e na valorização dos conhecimentos tradicionais. A união entre diferentes atores, como cientistas, ativistas, ONGs e governos, é necessária para promover a conscientização sobre a importância dessas áreas e para combater estigmas e preconceitos arraigados.

Além disso, é necessário fortalecer a capacidade de adaptação e resiliência dessas comunidades diante das mudanças ambientais. Isso pode ser feito por meio do apoio à diversificação de atividades produtivas, bem como do desenvolvimento de técnicas de manejo sustentável dos recursos naturais, além da inclusão e da participação ativa dessas comunidades na tomada de decisões que impactam diretamente a sua sobrevivência.



AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem às comunidades Avá – Guarani dos municípios de Guaíra e Terra Roxa, no Paraná, pelo acolhimento e informações repassadas, ao Centro de Apoio e Promoção à Agroecologia – CAPA, Núcleo Marechal Cândido Rondon – Pr pela articulação junto às lideranças das comunidades indígenas e ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável - PPGDRS pela oportunidade de estudo.



REFERÊNCIAS

ASSY, Bethania.; ROLO, Rafael. **A concretização inventiva de si a partir da perspectiva do outro: Notas a uma Antropofilosofia Decolonial em Viveiros de Castro.** *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 2367–2398, 2019.

BRASIL. **Documento Final. Fórum Nacional para Elaboração da Política Nacional de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável dos Povos Indígenas do Brasil.** Distrito Federal, 2003. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/G3D00106.pdf>. Acesso em: fev. 2024.

BANIWA, Brulina.; KAINGANG, Josileia.; MACUXI, Giovana. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência.** *Semana dos Povos Indígenas*, 2023, p. 32.

BRIGHENTI, Clovis. *Antonio. Necessidade de Novos Paradigmas Ambientais: Implicações e Contribuição Guarani.* In: *Cadernos PROLAM/USP*, v. 02, ano 04. 2005. p. 33-56.

BRIGHENTI, Clovis antonio. A.; OLIVEIRA, Osmarina de. **Conflitos territoriais como espaço de disputas entre memória e história: análise de processos judiciais da Itaipu Binacional contra os Guarani no Oeste do Paraná.** *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 61-83, jan.-abr. 2021.

BRIGHENTI, Clovis antonio. A.; OLIVEIRA, Osmarina. de. **Imagem e Memória dos Avá-Guarani Paranaenses.** Edunila – Editora Universitária, 2020.

COLARES, Gabriel. de Queiroz. **A demarcação de terra indígena: regulamentação que traz segurança?** *REVISTA FOCO*, [s. l.], v. 16, n. 7, p. e2629, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n7-088. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/2629>. Acesso em: 14 out. 2023.

CIMI. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Comunidade Avá-Guarani sofre ataque a tiros em Guaíra (PR) e teme novas agressões.** 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/2024/10/ataque-tiros-yhovv>. Acesso em: 10 nov. 2024.

COMISSÃO GUARANI YVYRUPA. **Impactos da produção de commodities agrícolas sobre as comunidades de Tekoha Guasu Guavirá.** São Paulo: Comissão Guarani Yvyrupa, 2022. Disponível em: <https://comissaoguarani.org/impactos-da-producao-de-commodities-agricolas-sobre-as-comunidades-de-tekoha-guasu-guavira/>. Acesso em: 10 out. 2022.

DA CUNHA, Manuela. Carneiro. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

DE ALMEIDA, Maria. Cristina. Chena.; BRIGHENTI, Clovis. Antonio. **Povos indígenas e natureza contra a pandemia: algumas possibilidades factíveis.** *Cadernos Cajuína*, v. 7, n. 2, p. e227212, 2022.



DE LIMA, Felipe. Alexandra.; MARQUESAN, Fabio. Freitas. S. **Terras indígenas no Ceará: uma história de lutas e resistência.** *Rebela*, v. 7, n. 3, 2017.

DIEGUES, Antonio. Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.

DOS REI, A. Diego. **Educação e ancestralidade em contratempo: nos rastros de Ailton Krenak.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 53, n. 1, p. 29, 2023.

GIOIA, D. A.; CORLEY, K. G.; HAMILTON, A. L. **Pursuing qualitative rigor in inductive research: notes on the Gioia methodology.** *Organizational Research Methods*, v. 16, n. 1, p. 15-31, 2013. Recuperado de: <https://doi.org/10.1177/1094428112452151>.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo agropecuário: resultados definitivos.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 109 p.

LEITE, Mauricio. Soares. *et al.* **Indigenous protagonism in the context of food insecurity in times of Covid-19.** *Revista de Nutrição*, v. 33, 2020.

MERRIAM, S. B.; TISDELL, E. J. **Qualitative research: a guide to design and implementation.** 4. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

NIEDERMAYER, Natalia. Rachel. **As políticas indigenistas no Brasil: um estudo de caso sobre o atendimento das demandas do povo guarani no município de Guaíra – PR.** 2018. 127 f. Dissertação (Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2018.

PICELLI, Pedro. **O perspectivismo de Viveiros de Castro: proposta de uma nova antropologia.** *Revista Alteridade*, Montes Claros, v. 2, n. 1, p. 53–63, 2016.

RAMBO, Anelise. Grasiela.; DEVES, Otavo. Diel.; DE ANDRADE, Miguel. Louves. **Sistemas agrários, políticas públicas e desenvolvimento territorial local/regional: considerações acerca da porção oeste da mesorregião grande fronteira do Mercosul-Brasil.** Pampa: *Revista Interuniversitaria de Estudios Territoriales*, n. 4, p. 137-165, 2008.

RAMOS, Claudine.; NODA, Hishohi.; MARTINS, Ayrton. Luiz. Urizzi. **Segurança e soberania alimentar indígena no extremo norte do Amapá-Brasil.** *Research, Society and Development*, v. 10, n. 5, 2021.

SALGADO, Carlos. Antonio. Bessera. **Segurança alimentar e nutricional em terras indígenas.** *Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília*, v. 4, n. 1, p. 131-186, jul. 2007.

SANTOS, Rosangela. Daina.; BRIGHENTI, Carlos. Antonio. **Quatro décadas à espera de reparações justas: a extinção do território guarani pela Itaipu Binacional.** *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 14, n. 3, 2020.

VILLALVA FILHO, Mario. Ramão. **Educomunicação, língua-cultura guarani, sustentabilidade Teko Porã: myasãimbo'e, avañe'ẽ ayvu-arandu, ñeñangareko ha bom**



viver. 2020. 209 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é.** In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany (eds.). Povos indígenas no Brasil 2001/2005. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. p. 41–49.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A antropologia perspectivista e o método da equivocação controlada.** Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, Cuiabá, v. 5, n. 10, p. 247–264, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O conceito de sociedade em antropologia: um sobrevoo.** Teoria & Sociedade, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 182–199, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo.** Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113–148, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os involuntários da pátria: elogio do subdesenvolvimento.** Cadernos de Leituras, Belo Horizonte, v. 65, n. 1, p. 01–09, 2017.